

## O lugar do indivíduo e crise da memória

Lúcia Helena da Silva Joviano\*

### RESUMO:

O presente artigo tem como objeto a análise do papel do indivíduo para duas concepções de memória distintas e para isso utiliza-se de dois tipos de fontes: uma iconográfica e outra escrita. Busca-se compreender a rede de conexões entre Memória/História, Literatura e subjetividades visitando as considerações de Nietzsche a respeito do necessário esquecimento e de P. Nora ao propor os “lugares de memória”

Palavras-chave: Memória; Subjetividade; Escrita de si.

### Introdução

Memória, Literatura e História sempre foram campos cujas interseções são muitas, não é à toa que a *Teogonia* de Hesíodo atribui à *Mnemosyne*, deusa da memória, a maternidade das musas *Clio* (História) e *Calíope* (Literatura). A elas cabia evitar o esquecimento, proclamando e glorificando os feitos dos deuses, para que os poetas revelassem essas verdades aos humanos.

Ao longo do tempo muita coisa mudou e além dos mitos, a filosofia e mais tarde também a ciência, teorizaram sobre essa relação. O fato que merece ser destacado é que apesar da apregoada crise da história e da memória, parece cada vez mais pertinente os estudos das articulações entre esses campos.

Memória, História e Literatura têm em comum o fato de possuírem como base uma estrutura narrativa. Nestas, inicialmente a trama e ou os fatos que compunham o enredo, eram desenrolados sob a forma de transmissão oral, depois escrita, chegando hoje à forma fílmica.

A vida no mundo atual é um grande espetáculo de imagens, no qual somos alvos constantes do olhar de câmeras, que nos vigiam e nos controlam nos bancos, shoppings, condomínios. Porém, tal situação não é incômoda, pois faz parte de uma realidade narcísea na qual ver e ser visto fazem parte do show que é viver. É um mundo que pode se ver vinte quatro horas por dia via satélite. As imagens selecionadas e transmitidas como notícias são consideradas pela mídia como o retrato do que está acontecendo no mundo.

---

\* Doutoranda em Estudos Literários UFJF

Estudar, não só, em narrativas textuais, mas também em narrativas fílmicas conteúdos que remetem as questões relacionadas ao objeto pesquisado podem ser de grande valia para aclarar as tramas que envolvem as conexões entre subjetividades, memória/ história e literatura.

### **1. V de Vingança e a “destruição da memória”**

A narrativa fílmica, que tem como matéria-prima a imagem produzida em movimento, hoje triunfa e é de grande adequação para refletir o mundo experimentado pelo século XXI. Personagens ficcionais e factuais transitam hoje em telenovelas, telejornais, documentários e filmes chegando ao lar dos espectadores depois de produzido pelo olhar seletivo e atento das câmeras.

O mundo, as cenas e vivências cotidianas são os alvos favoritos desse olhar e não mais os feitos sobre-humanos dos deuses imortais. É a experiência íntima e as atitudes das pessoas comuns [seja ela um astro ou estrela cinematográfica, um político(a) ou um(a) desconhecido(a)] que se constituem em matéria-prima para atrair a atenção e curiosidade dos que estão prontos para consumir e envolver-se com a história dos outros. E aí está um grande mercado para as biografias, autobiografias e os realities shows, pois estes envolvem seus leitores/espectadores nas tramas narrativas de uma vida alheia que lhes desencadeia um sentimento de aproximação intersubjetiva.

O filme ‘V de Vingança’ (2006) trouxe recentemente para as telas a adaptação de uma história em quadrinhos, cujo motor da trama era uma autobiografia. E nesse sentido pode ser um documento de grande valia para propiciar um olhar sobre essa temática.<sup>1</sup>

O tempo da narrativa em questão é um futuro próximo [2020] em que a Inglaterra está dominada por um regime totalitário no qual o líder do partido controla a população por um rígido sistema tecnológico que envolve a vigia constante, escutas, proibições, toque de recolher e ainda a utilização de um sistema de TV único, que tanto é visualizado nas ruas como nas casas das pessoas e por onde a informação é produzida. Nesse regime, as diferenças não são permitidas. Homossexuais, mulçumanos e opositores são presos e eliminados.

No referido filme, o personagem V empreende uma vingança cuja origem não se encontra em suas próprias mazelas, mas no sofrimento vivido ao ter lido a autobiografia

---

<sup>1</sup> Informações, a ficha técnica do filme e o relato autobiográfico de Valery, acessar em: [www.adorocinema.com/filmes/v-de-vinganca](http://www.adorocinema.com/filmes/v-de-vinganca) ; <http://www.br.warnerbros.com/vforvendetta/>

escrita por uma vizinha de cela. Esta era a personagem Valery. Sentindo que sua morte estava próxima, ela resolveu escrever em papel higiênico sua história e a passá-la por um buraco na parede a alguém que ela nem sabia quem era.

Livre da prisão (onde ele e Valery foram vítimas da experiência com um vírus), após um incêndio que nada deixou, V preparou durante anos sua vingança e nesse caminho deparou-se com Evey, alguém que sofrera a perda dos pais e do irmão por causa do regime, mas que não se livrava do medo vivendo assim uma vida comum, questionando os métodos de V de lutar para libertar o povo da opressão.

Porém, ao ser vítima de uma simulação provocada por V, entrou em contato com a narrativa autobiográfica de Valery da mesma forma que ele e assim tocado pelo que leu, perdeu o medo e passou a compreender a luta.

V é um personagem mascarado, pois além de com isso pretender vincular uma idéia, também deveria esconder seu rosto deformado pelo fogo. Tal imagem condiz plenamente com a metáfora que se quer expressar: o regime totalitário ao impor ao povo uma identidade, impede a manifestação de qualquer possibilidade subjetiva singular, assim todos seguem o modelo previsto de existência, ou seja, mesmo sem usar máscaras, todo o povo é obrigado a esconder sua face.

O filme tem suas últimas cenas com a explosão do Parlamento inglês, arquitetada por V e levada a cabo por Evey. Assistindo e participando do evento estava o povo, que finalmente pode retirar suas máscaras. Ao desencadear a explosão a personagem Evey diz justificando seu ato “o povo não precisa de um prédio, precisa de esperança”.

Um outro documento, retirado do ofício profissional de um historiador, que também é relevante para compor a análise das relações memória/literatura/história/subjetividade é o texto produzido por Eric Hobsbawm (1995) na introdução de seu ‘breve século XX’ em que esse comenta o que considera a morte da memória:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. (HOBSBAWM, 1995, p. 12)

E ainda destaca a diferença desse fenômeno para o que ele considerava o papel da memória em sua vida:

Para os historiadores de minha geração e origem o passado é indestrutível, não apenas porque pertencemos à geração em que ruas e logradouros públicos ainda tinham nomes de homens e

acontecimentos públicos (...), em que os tratados de paz ainda eram assinados e portanto tinham de ser identificados(...) e os memoriais de guerra lembravam acontecimentos passados, como também porque os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas. Eles não são apenas marcos em nossas vidas privadas, mas aquilo que formou nossas vidas, tanto privadas como públicas. (HOBSBAWM, 1995, p. 12-13)

E a partir disso, segue seu texto, considerando que para alguém da idade dele escrever sobre o século XX é de certa forma produzir uma autobiografia, pois considera que ele e a realidade que o cerca estão entrelaçados.

Quais as relações que podemos depreender dessas colocações no que diz respeito às relações Memória, Literatura/História e subjetividades? Não estariam aí envolvidas as discussões das últimas décadas a respeito da crise das metanarrativas e das explicações totalizantes? E a relação sociedade-indivíduo, pode ser redimensionada?

## **2. Memória/esquecimento; indivíduo/ coletivo, algumas considerações**

O que foi expresso aqui, na narrativa fílmica e no escrito pelo historiador profissional, são duas concepções de relação indivíduo/subjetividade/memória diferentes. Para a primeira, a destruição da vinculação com o passado (explosão do Parlamento) representava num plano simbólico, um mecanismo que possibilitaria o nascimento e o aflorar de infinitas possibilidades de existência, que um regime de força, embasado por um ideal de coletividade não permitia existir.

Para a segunda concepção, memória individual e coletiva estão imbricadas e constituem um todo. Compreende-se por essa via que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades” (Le Goff, 1992, p.476). Para essa concepção é impraticável uma subjetivação sem compreender a dinâmica maior que envolve o todo social que o tece.

Ou seja, o que está em questão, nos dois exemplos citados, são concepções que vinculam e articulam a memória à micro ou a macro-história.<sup>2</sup>

O que se considera como crise da memória e da história são os desdobramentos da crise do sujeito moderno. Ao negar os projetos totalizantes e as verdades universais, os novos

---

<sup>2</sup> Sobre isso ver BARROS, José D. **O campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2004, p.188-193. Sobre memória coletiva e individual, conferir HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

personagens (agora que também são considerados como forças presentes nas relações de poder) buscam em um encontro eu/outro a constituição de uma singularidade, marcada pela diferença e não uma identificação forçada a um todo homogenizante.

Ler em autobiografias, memórias e diários sobre os caminhos trilhados pelo outro ajuda a esses indivíduos a encontrar por trás das brumas as próprias estradas, que na maioria das vezes, estão entrecortadas por encruzilhadas, entroncamentos, bifurcações e toda sorte de desvios.

Assim, na narrativa fílmica a dor presente na autobiografia de Valery, passou a despertar a dor dos personagens que a leram e a partir daí lutaram pela sua memória. Aquela pessoa que escreveu e por isso permaneceu viva, em sua singularidade, e todas as outras que eram massacradas pelo regime, foram vistas como mais importantes que o prédio – o Parlamento – símbolo do povo no poder.

A História que constrói monumentos e ideais dos “grandes homens” merecedores, por sua trajetória exemplar, de serem imitados e exaltados pelas futuras gerações “haverá de recriminar o que é desigual, haverá de generalizar para tornar equivalente, sempre haverá de enfraquecer a diferença dos móveis e dos motivos” (NIETZSCHE, 2008, p. 35).

Evidencia-se que por essa compreensão de memória, mais que construir representações coletivas o que se deve considerar é a possibilidade do devir de infinitas singularidades, que possam até mesmo ser produzidas pelo esquecimento.

Nietzsche propunha para superar essa ciência histórica, considerada como doença, a “terapêutica da vida”, ou seja, o ensino do que chamou o não-histórico, “a arte e a força de poder esquecer” (p.121) e do supra-histórico, pois “esses são os antídotos naturais contra a invasão da vida pela história, contra a doença histórica” (p.122)

A sociedade capitalista produziu um sujeito que se assemelha a uma ilha povoada por desejos crescentemente fabricados por apelos do mundo contemporâneo. Nessas ilhas, Narciso impera e triunfa na maioria das vezes, pois vivendo da imagem que criam de si para expor-se aos outros, os indivíduos são seres atomizados cujas relações vida privada/mundo público não passam pela realização de projetos coletivos, mas apenas pela realização de seus próprios desejos.

Assim, os lugares de memória, da forma como foi pensado por Nora (1993), ganham sentido no espaço deixado pela memória tradicional e pela crise da memória histórica. Essa memória tradicional era aquela compartilhada pelo grupo que a detinha, era inquestionável e sagrada, servindo de liame para a coletividade que a compartilhava. Porém, a memória histórica desritualizou a memória, e acabou “valorizando, por natureza, mais o novo que o

antigo, mais o jovem que o velho, mais o futuro que o passado” tornando os lugares de memória necessários: a “Passagem de uma história totêmica para uma história crítica: é o momento dos lugares de memória.” (NORA, 1993, p. 14)

Nessas modernas relações com o passado, no nascimento e veneração do indivíduo:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Se tivéssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. (NORA, 1993, p. 13)

Assim, a escrita de si é compreendida como expressão desse movimento de individualização e perda da memória pelo qual as modernas sociedades capitalistas passaram, pois “quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solidária, não decidisse dela se encarregar.” (NORA, 1993: p. 18)

O que era espontâneo, agora necessita de espaços de guarda para que as lembranças sejam promovidas: “o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.” (NORA, 1993: p.26)

A escrita de si, a produção e guarda de uma vasta documentação individual, contextualiza-se na transição paradigmática pela qual o ocidente passou nos últimos séculos. A construção da noção de sujeito moderno é problemática, pois ao mesmo tempo em que o ser humano é compreendido como ser individual e portador de direitos, é ao mesmo tempo um ser coletivo, pertencente ao mundo público, que lhe confere sentido. Assim, emergem subjetividades que buscam se compreender e se localizar, às vezes, por meio da escritura.

**ABSTRACT:** This article focuses on analyzing the role of the individual to two different conceptions of memory and it makes use of two sources: an iconographic and other writing. We seek to understand the network of connections between Memory / History, Literature and visiting subjective considerations of Nietzsche about the necessary oversight and P. Nora by proposing the “places of memory”.

**Keywords:** Memory, Subjectivity, Writing yourself

### **Referências bibliográficas**

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992.

MOORE, Alan. **V de Vingança**. Edição Especial. Barueri: Panini Comics, 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A problemática dos lugares. In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História. PUC-SP, nº 10, dezembro/1993.

NIETZSCHE, F. **Da utilidade e do inconveniente da História para a vida**. São Paulo: Escala, 2008.